

INFLUÊNCIA NAPOLEÔNICA NO EXÉRCITO BRASILEIRO

Ten Cel JONAS CORREIA NETO
(do Instituto de Geografia e História
Militar do Brasil) (*)

I

Venho trazer a esta Casa respeitável e ilustre o concurso que ela me pediu — mais que isto, me cometeu. Venho como soldado, para cumprir um dever, que confesso ser-me grato e, todavia, muito difícil. Devo tentar a apresentação de uma síntese da influência napoleônica no Exército Brasileiro, e a primeira afirmação que faço dará idéia das minhas dificuldades: essa influência houve, e há, mas tôda indireta — e apesar disso, ou por isso mesmo, grande, profunda, marcante, duradoura.

Eis o Sumário da nossa *palestra*, tal como abordaremos o tema.

SUMÁRIO

- I — Introdução
- II — Napoleão, o chefe militar
 - os princípios de chefia
- III — Napoleão e a guerra clássica
 - os princípios de guerra
- IV — NAPOLEÃO E O EXÉRCITO BRASILEIRO
 - a Missão Militar Francesa
- V — Napoleão, sempre
- VI — Conclusão

* * *

A França imortal está comemorando neste ano, com destaque no dia 15 de agosto, o bicentenário do nascimento de Napoleão Bonaparte — a figura que em 25 anos, sómente, encheu o mundo

(*) Palestra no INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO BRASILEIRO, no ciclo promovido em comemoração ao bicentenário do nascimento de Napoleão (Agô, 1969).

com os fulgores do seu gênio (1), com as retumbâncias das suas vitórias, com o magnetismo da sua personalidade. (2)

Sua vida — achava Merejkovsky (3) — assemelha-se ao curso do Sol. Assim:

VIDA DE NAPOLEÃO		CURSO DO SOL
1769/1795	Do nascimento ao vindimiário	aurora
1795/1799	Do vindimiário ao 18 brumário	sol-levante
1799/1807	Do 18 brumário a Tilsitt	meio-dia
1807/1812	De Tilsitt a Moscou	tarde
1812/1815	De Moscou a Waterloo	ocaso
1815/1821	De Waterloo até a morte	noite

A Aurora se estende do seu nascimento (15 Agô 1769) até o "vindimiário" (Out 1795), quando o jovem General domina a revolta em Paris e salva a Convenção. Confirma-se o líder do cérculo de Toulon... (4) Nesta fase está o que Aubry chama "o primeiro vôo da águia"! (5)

Depois é o Sol-levante! A campanha da Itália — Montenote, Milésimo, Dego, Mondovi, Lodi, Castiglione, Arcole, Rivoli; a incursão ao Egito e à Síria (6) — Malta, Pirâmides, Cairo, Jaffa e Monte Thabor, o fracasso diante de São João d'Acre, a derrota naval em Abukir e a destruição do exército turco na mesma Abukir; e o golpe de estado de 18 "brumário". Eis Bonaparte — 1º Cônslul! (Nov/Dez 1799).

De 1799 a 1807, o Sol busca o Meio-dia. Vai ao apogeu (7), com a paz de Tilsitt. São desse período brilhante: a passagem do São Bernardo; Montebelo e Marengo; a paz de Luneville, a Concordata e o "bloqueio continental"; a fundação do Banco de França e o Código Napoleão; a criação da Legião de Honra e a primeira distribuição das comendas (15 Agô 1804) e das águias; os 18 primeiros Marechais de França; o Consulado vitalício e o Império; Ulm e Austerlitz, Iéna, Eylau e Friedland — tóda a projeção do Grande Exército. Só no mar, outra derrota e o fim de um sonho: Trafalgar.

Ainda em 1807 vem chegando, muito lenta, a Tarde: é a agressão a Portugal, que tantas consequências extraordinárias teria para o Brasil; seguem-se a ocupação da península ibérica, a campanha de 1809 (Eckmül, Ratisbona, Essling, Wagram) e a malfadada invasão

da Rússia, onde os duros êxitos do Niemen, de Smolensk e Borodino (Moskowa) tiveram trôco na terrível retirada. (8)

As cinzas de Moscou marcam o comêço do *Ocaso* — com Leipzig, a abdicação, a ilha de Elba e os Cem Dias. Há algumas cintilações neste declínio: Lutzen, Bautzen, a campanha de França (onde o seu talento estratégico esplenderia de novo, à altura dos melhores tempos), Ligny (16 Jun.). Mas o Sol se põe em Waterloo! (18 Jun 1815) Por que? (9) — se essa foi “uma batalha de primeira ordem, ganha por um Capitão de segunda”... (10) O nosso Gonçalves de Magalhães, (11) visitando Waterloo, já exclamara:

“Eis aqui o lugar onde eclipsou-se
O meteoro fatal às régias frontes!
.....
.....
Oh! por que não venceu? — Fácil lhe fôra!
Foi destino ou traição? A águia sublime
Que devassava o céu com vôo altivo,
Desde as margens do Sena até ao Nilo,
Assombrando as nações com as largas asas,
Por que se nivelou aqui com os homens?
Oh! por que não venceu?

.....
.....
Mas invencível mão lhe toca o peito.
É a mão do Senhor! — barreira ingente!
“Basta, guerreiro! Tua glória é minha.
Tua fôrça em mim está. Tens completado
Tua augusta missão. És homem! Pára.”

Realmente, Waterloo representa mais do que uma batalha: é a mudança da face do universo. (12) Começa aí a grande *Noite*. Findara a epopéia. Vem o Belerofonte, Santa Helena, (13) Hudson-Lowe, a solidão, a morte (5 Mai 1821).

Pois aquêle Sol, que inundou o mundo, iluminou o Brasil — e aqui, ainda hoje clareia, com seus lampejos, as idéias, as meditações e as práticas dos nossos militares.

II

NAPOLEÃO — CHEFE MILITAR

A formação militar de Napoleão foi, no seu início, bem regular. Numa época em que tudo se improvisava, e em que a guerra era uma situação quase permanente, (14) — embora fossem mais definidos do que hoje os períodos de guerra e de paz... — os postos militares eram comumente conquistados nos campos de batalha, ou



cobertos por influências pessoais, às vezes muito mal aplicadas. Quando nada disso acontecia, um bom soldado podia "marcar passo", como aquêle Capitão "Bengala-de-Junco", apresentado por Vigny — o veterano Capitão Renaud, que "a não ter sido General com vinte e cinco anos, idade com que a gente pode pôr em obra a própria imaginação", achava preferível "ficar simples Capitão, para viver com seus soldados como um pai de família ou como o prior de um convento". (15)

Em 1779, Napoleão ingressou na Escola Real Militar de Brienne-le-Château, onde se distinguiu em História, Geografia e Matemática e foi líder de seus colegas. (16)

Em 1784, foi transferido para a Escola Militar de Paris, como cadete gentilhomem. Não tinha, então, nenhum entusiasmo pela carreira militar; queria ser principalmente um homem de letras, um intelectual... (17) Mas, as leituras em que se engolfava acabaram por lhe transmitir o impeto belicoso; e ele dali saiu, em Out 85, já 2.º Tenente de Artilharia, tendo sido o primeiro na lista apresentada a Luís XVI para a graduação. Iniciou sua carreira de oficial no Regimento de La Fère, do Corpo Real de Artilharia. (18) O Regimento tinha parada em Valença, mudando-se depois para Auxonne. Funcionava também como Escola de Artilharia, cujo comandante era o severo Barão du Teil, de quem Napoleão haveria de dizer: "foi o General du Teil que me ensinou a obedecer e a mandar". (19)

Em 1791 é promovido a 1.º Tenente e designado para o 4.º R Art, de nôvo em Valença. No fim desse ano vai à Córsega, em licença, participando das lutas que ali se travam. Esta foi a sua estréia em combate!

Feito Capitão, em 1792, no ano seguinte é nomeado comandante da Artilharia, face a Toulon, devendo-se ao seu plano a queda da praça. Seu nome tornou-se conhecido pelos convencionais, que o promoveram a Chefe-de-Batalhão (Oficial Superior), e pouco depois a General-de-Brigada (Dez 1793), designado para o Comando da Artilharia do Exército da Itália.

Dai por diante, foi um meteoro! Os postos perderam a significação. Ele é o "petit caporal", o General-em-Chefe, o Comandante, Bonaparte, o Imperador, — Napoleão!

Na formação militar de Napoleão muito influíram os seus estudos de História Militar. Ele leu o que havia sobre os Capitães: Alexandre, Aníbal, Cesar, Gustavo Adolfo, Turenne, Príncipe Eugênio, Frederico — suas vidas, suas campanhas, suas memórias, seus conselhos, serviram para completar a instrução prática recebida. "Seu magnífico cérebro tudo guardou e tudo classificou." (20) Recomendava aos generais que fizessem a guerra como aquêles chefes: "Leiam as histórias das suas 83 campanhas. Leiam-nas de nôvo,

releiam-nas, e sigam-lhes o exemplo. Esse é o único caminho para chegar a ser um grande Capitão e dominar os segredos da arte da guerra.” (21) E acrescentava: “Adquire-se o conhecimento da alta direção da guerra sómente pelo estudo da História Militar e pela experiência. Não há regras fixas, determinadas e invariáveis; tudo depende das condições do general, da capacidade das tropas, da estação do ano e de mil circunstâncias que contribuem para que nunca haja um caso igual ao outro.” (22)

Nesse ponto, Napoleão e Frederico nos ensinam a mesma coisa: a experiência prática não basta ao general. Ele precisa ter uma “experiência prévia” da guerra. Isto é: o conhecimento teórico, fruto do estudo, da meditação. Mais tarde, Clausewitz definiria esse tipo de experiência, que é básico, num axioma: “dos livros, nada mais se deve levar para a guerra do que a *educação ao espírito*.” (23)

Napoleão aplicou aquilo que assimilou. Mas não foi um repetidor! Onde não inovou, ele soube adaptar bem aquela “experiência prévia” às condições do momento. As obras que leu (notadamente as de Cesar, Turenne, Frederico, Vauban, Maquiavel) “não dão nenhuma ideia sobre a guerra que ele faria; o que delas aproveitou foi unicamente o que lhe deu (a elas) ele próprio”. (24)

Liddell Hart — o ex-Capitão a quem os Generais ouvem, o conceituador da “ação indireta” — pensa que “embora Napoleão pouco tivesse acrescentado às idéias que absorveu (entre elas, as localizadas por Bourcet e Guibert, os dois mais extraordinários e originais escritores militares do século XVIII), ele deu concretização a essas idéias.” Entretanto, “mais dinâmico do que pensador, não chegou a formular nenhuma filosofia de guerra”. (25)

“Que trouxe Napoleão de novo, então, aos campos de batalha? — Seu gênio, unicamente seu gênio, mas todo o seu gênio!” (26)

Já que falamos no Chefe, vamos focalizar algumas características marcantes de Bonaparte, como chefe e líder que, incontestavelmente, e no mais alto grau, ele o foi.

Há chefes inatos. Eles são líderes, e em geral são-no desde cedo (já dissemos que Napoleão liderava seus colegas de Brienne — nos esportes, em espetáculos teatrais, etc).

No ambiente militar, porém, não são admissíveis lideranças fora dos escalões hierárquicos: isto seria um caos. O chefe militar há de confundir-se com o líder, se possível; para tal ele estuda, pratica, procura apreender e aplicar-se no emprêgo das técnicas de chefia e liderança, desenvolvendo ao máximo as qualidades correspondentes. Nessa busca de aprimoramento, encontra-se em Napoleão rico modelo.

“Sem dúvida, Napoleão nasceu, como Condé, com o dom de mandar. Ele, possuía uma força de vontade, um poder de persuasão

uma autoridade que se impunha, desde sua infância, a quantos dèle se acercavam..." "Além disso, conservava de seu sangue corso, a energia, a vivacidade, a obstinação, tão preciosas para o comando de tropas." (27)

Os Princípios de Chefia

Vejamos como poderíamos valer-nos de Napoleão para ilustrar alguns dos *Principios de Chefia Militar*, preconizados hoje no nosso Exército (28), para comprovar a nossa assertiva:

— CONHECER SUA PROFISSÃO

- Ele é o general competente e experimentado, mestre da guerra!
- Em Iéna, por exemplo, toma todas as medidas para enfrentar qualquer imprevisto, consciente da sua superioridade material e, sobretudo, moral. "Não só nada teme, se não que adivinha e escolhe livremente o mais seguro meio de aniquilar o exército prussiano antes da chegada dos socorros que o Imperador da Rússia lhe deve trazer. Concepção tão simples quão fecunda é apanágio de espíritos superiores." (29)

— CONHECER SEUS HOMENS E INTERESSAR-SE POR ELES

- É o chefe que, na Síria, apeia do cavalo e faz que seja montado por um soldado ferido, que receiando manchar a sela bordada, ouve de Napoleão estas palavras: "podes montar, nada há que seja belo demais para um bravo!" (30)
- Jovem oficial, reconhece (ou aparenta reconhecer) cada soldado; antes da revista, decora-lhes os nomes da relação. (31) Ele pensava que um homem que não leva em consideração as necessidades dos soldados, nunca deveria comandá-los. (32),

— DAR EXEMPLO

- É ele que — qual Caxias em Itororó! — a pé numa ponte varrida pela metralha, toma a bandeira tricolor para arrastar com os si os exaustos soldados, e desaparece semi-submerso no charco onde é lançado. O perigo que ai correu decidiu do êxito: "o exército entrou em fúror e cometeu prodígios para salvá-lo". (33)
- Muito mais tarde, diria ele: "um exército de leões, comandado por um cervo, nunca será um exército de leões". (34)
- A sua audácia, tanto no plano físico (coragem pessoal) como no moral, era fora do comum; com ela, empolgava os homens. (35)

— VERIFICAR O CUMPRIMENTO DE SUAS ORDENS
(*Compreensão, Fiscalização, Execução*)

— Napoleão freqüentemente preparava, ele mesmo, suas ordens, ditando-as com os detalhes necessários à boa compreensão e ao correto cumprimento. Seu Chefe do Estado-Maior — o operoso e discreto Berthier (que, em grau menor do que Jominí, e talvez do que Davout, também sóia “adivinar” as idéias do mestre) — só tinha então que assiná-las e providenciar a sua distribuição oportuna. (36) E Napoleão em pessoa ia a cada posição das suas tropas, via-as, falava aos rudes soldados (os “Grognards”) animava-os, testava os comandantes em todos os escalões. Era sempre o primeiro a chegar ao campo de batalha, para conferir, ainda uma vez, as suas previsões, que entretanto se confirmavam.

— DECIDIR COM ACÉRTO E OPORTUNIDADE

— Sua capacidade de decidir, sua pronta iniciativa, são notórias. (37) Em Arcole, assegurou a vitória numa cruenta luta de 3 dias, enviando alguns clarins à retaguarda dos austriacos para tocar “carga”. (Esta passagem lembra a do nosso corneteiro, em Pirajá, tocando “avançar cavalaria” e “degoilar” — segundo a lenda...). Em Austerlitz, soube criar a oportunidade: esperou, negaceando, que Kutuzov confiadamente chegasse à região que já fôra escolhida para a decisão, e ai atacou, no que se poderia chamar o “momento psicológico”.

— EMPREGAR A TROPA DE ACÓRDOS COM SUAS POSSIBILIDADES

— O conhecimento das possibilidades de cada fração do seu exército era conseqüência (1º) do seu contato pessoal com a tropa, (2º) da sua rápida e justa interpretação dos fatos, e (3º) do seu juízo exato sobre a capacidade dos comandantes. Estes, sobretudo os de postos mais elevados, conhecia-os ele muito bem: suas aptidões, suas limitações, suas ambições, suas fraquezas; podia, assim analisá-los um a um, e aproveitá-los em conformidade com a sua observação.

Napoleão explorava muito os efeitos psicológicos. As vezes, naturalmente; outras vezes, premeditadamente, para atingir seus fins.

As suas proclamações (e ele afirmava quanto é extraordinário o poder da palavra sobre o homem) são primores de apelos, de incitamentos, de sugestões (38). Eis alguns trechos: (39).

— “Soldados, a Europa tem os olhos fitos sobre vós. Grandes destinos tendes a preencher, batalhas a travar, perigos, fadigas

a vencer. Fareis mais do que até agora tendes feito pela prosperidade da pátria, pela felicidade dos homens e pela vossa própria glória". (prestes a partir para o Egito).

— "Soldados. Estou contente convosco: na jornada de Austerlitz justificastes o que eu esperava de vossa intrepidez. Decorastes vossas águias com uma glória imortal... Bastar-vos-á dizer: "Eu estive na batalha de Austerlitz" para que se comente: "Eis um bravo!" (em 1805)

— "Chego aonde estais com a rapidez da águia... Nossos passados sucessos são a garantia da vitória que nos espera. Marcharemos, pois, e que ao nosso aspecto o inimigo reconheça os seus vencedores!" (no Danúbio, às vesperas da campanha de 1809).

Na campanha de 1796, apostrofava nestes termos: "Soldados! não mostrastes nem disciplina, nem constância, nem bravura; em posição alguma pudestes vos conservar organizados; entregastes-vos a um temor pânico; deixastes-vos expelir de posições em que um punhado de bravos deveria deter um exército. Soldados do 39.^º e do 89.^º, não sois soldados franceses. General chefe do estado-maior, mandai escrever nas suas bandeiras: "Eles não são mais do exército da Itália". (40) Resultado: os soldados choravam de raiva e pediam para ser postos na vanguarda, para ali morrer. Napoleão confiou-lhes pontos extremamente importantes, convicto de que elas antes se imolariam a ceder um palmo — no que acertou.

Como achasse que, mais do que o número, a força moral decide vitórias, (41) Napoleão cuidava atentamente das forças morais. Por isso, criou a Legião de Honra, fazendo a solene distribuição das cruzes com ritual estudado, que impressionou vivamente o espírito simples dos soldados. Essa condecoração — ainda agora uma das mais valiosas — era a suprema honraria. (42) Quantos gestos heróicos não terá havido, só pela ânsia de merecer-la... "De todos os homens, o soldado é o mais sensível às recompensas"... (43)

Para ainda mais galvanizar as tropas, fêz-lhes a entrega pomposa das águias, numa das maiores solenidades militares a que o Império assistiu. "Soldados, disse, eis vossas bandeiras; estas águias vos hão de servir sempre de ponto de reunião; elas estarão onde quer que o vosso Imperador julgue necessário..." (44)

E, afinal, organizou "La Grande Armée"!

O Grande Exército foi o poderoso instrumento de que Napoleão se serviu, para se impor à Europa, abalar as realezas e, afinal, encerrar um período da história da humanidade. (45)

III

NAPOLEAO E A GUERRA CLASSICA

Os Princípios de Guerra

Napoleão não chegou a enumerar aquelas normas de procedimento bélico a que se convencionaria chamar de "Princípios de Guerra". Não os enumerou, mas falava e escrevia freqüentemente sobre êles (46), embora sem a preocupação acadêmica que, mais tarde, cercaria o assunto. (47)

Cra, o que são os "princípios de guerra"? Digamos que são regras básicas de conduta militar, normas aplicáveis na concepção e nas operações de guerra, para se chegar mais depressa aos melhores resultados. Eles têm-se mostrado, de modo mais ou menos constante, como válidos na maioria das situações que a história nos revela; dai considerar-se cada qual como responsável por uma parcela do bom êxito conseguido — e a sua falta, ou má aplicação, como um fator de mau êxito.

Vejamos quais são os preconizados pelo nosso Exército (48) :

- objetivo
- ofensiva (iniciativa)
- economia de meios
- massa (concentração de esforços)
- manobra (flexibilidade)
- segurança (liberdade de ação)
- surpresa
- unidade de comando
- simplicidade.

Que significa cada um deles?

Numa explicação à vol d'oiseau, podemos dizer que:

Objetivo — é o fim principal a que se visa, seja a grande finalidade da guerra, seja um alvo a ser colimado em certa etapa do seu desenrolar;

Ofensiva — é a manutenção da iniciativa, a antecipação das nossas ações às do inimigo, a permanência da pressão, com ousadia e violência adequadas ("só a ofensiva conduz à vitória"!);

Economia de meios — é a dosagem judiciosa dos elementos disponíveis, de modo que êles sejam empregados com o valor conveniente, sem sobrar onde não fariam falta e faltar onde seriam preciosos (maioria de meios na ação principal);

Massa — intimamente ligado ao anterior, é a reunião do máximo de meios de combate, no ponto e no momento propícios, onde se buscará uma decisão;

Manobra — em sentido amplo, é o conjunto de atividades (marchas, evoluções, mudanças de posição) que faz as forças alcançarem o inimigo com tais dispositivos e efetivos, em determinado local, e que lhes permite, face a contingências, ter flexibilidade bastante para ir alterando aquêles fatôres, de modo a conservar as vantagens já conseguidas;

Segurança — é a proteção que têm as forças, para não serem surpreendidas em condições de vulnerabilidade: inferioridade de posição (estacionamentos, deslocamentos) ou de meios, ou ainda no curso de uma manobra; essa proteção, por outro lado, assegura à força a liberdade de ação necessária à consecução da sua tarefa;

Surpresa — é o ato de investir o adversário onde ele menos espere, de realizar justamente aquilo que a ele se afigure o mais difícil, o menos provável;

Unidade de comando — é o enfeixamento da autoridade numa cadeia de comando vertical; a capacidade de decidir não se divide, a de executar sim, e tudo segundo um esistema harmonioso de dar e cumprir ordens, com exata definição de responsabilidades e deveres; (49)

Simplicidade — é o que o termo indica: quanto mais simples, claro, lógico for um plano, será mais depressa e facilmente exposto, compreendido e executado. (50)

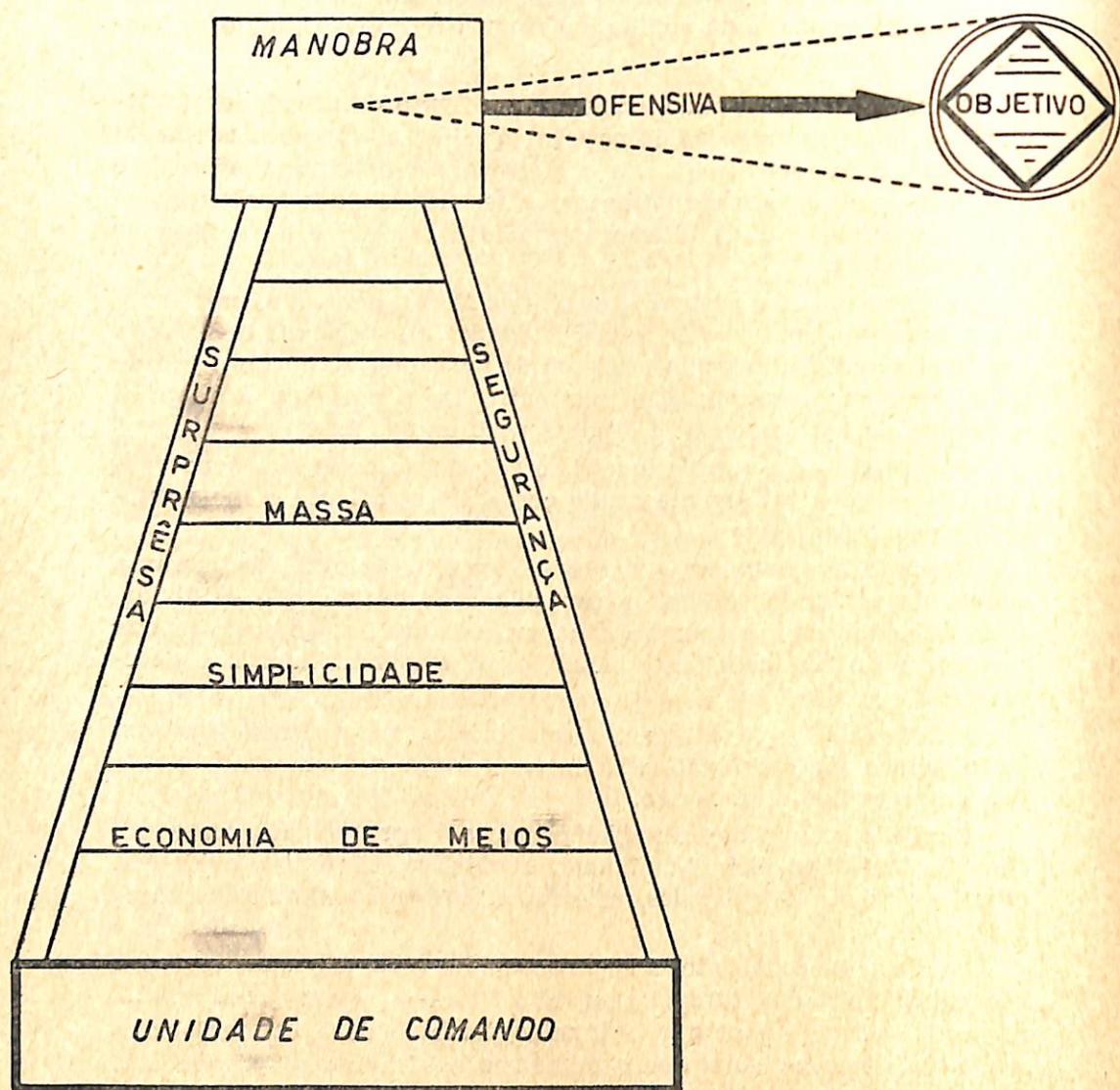
Simbólicamente, os princípios podem ser apresentados como um farol, sobre forte base, iluminando o objetivo. A figura evidencia quanto eles são interligados, interdependentes; combinam-se, completam-se.

Os princípios não são dogmas absolutos (51), são uma orientação geral; aplicados, tornam possível a vitória — provável mesmo — mas não certa, até porque o inimigo também deve conhecê-los e respeitá-los... Por sinal que o número e as denominações, que eles têm, variam muito, de país para país, de autor para autor. (52)

Como teria Napoleão influenciado o Exército Brasileiro, nesse campo?

Passando os olhos pelos princípios adotados por Napoleão (que o estudo de suas campanhas ressalta logo), teremos como preponderantes: (53)

- objetivo
- ofensiva
- concentração de forças
- mobilidade (velocidade)
- segurança
- surpresa.



Eis aí, pois, tôda a estrutura principal do seu sistema. (54)

Clausewitz, que foi profundamente influenciado por Napoleão (seu coeveo), ao procurar analisar-lhe a atuação, alinha em sua obra clássica ("Da Guerra") êsses mesmos princípios (os conceitos, não as denominações), aos quais acrescenta o nosso já conhecido "economia de meios". Não há diferença; é que Napoleão tinha a idéia da economia ligada à da reunião dos meios — "concentração", portanto. (55) Aliás, releva assinalar que a "manobra em posição central", ou "em linhas interiores", que Napoleão erigiu em sistema seu (e cuja primeira grande aplicação fêz em Dego — Ceva, na

campanha de 1796), impõe a aplicação do princípio da "economia de fôrças", como tem sido muito bem destacado por Liddell Hart e outros. (56)

Do mesmo modo, a idéia de mobilidade prende-se à de manobra (57), ambas presididas por uma preocupação: rapidez! (58)

IV

NAPOLEÃO E O EXÉRCITO BRASILEIRO

Em interessante trabalho de pesquisa, o Sr. Donatelo Grieco (hoje nosso Embaixador na Iugoslavia) procurou reunir fatos e documentos que mostrassem alguma ligação entre Napoleão e o Brasil (59). Passou pela história. E contou que Napoleão teria inspirado duas conjurações pernambucanas (1801 e 1817), na segunda das quais se pretendera trazê-lo de Santa Helena, onde os belos pássaros brasileiros — cardeais — distraíam e alegravam o exílio imperial em Longwood. Relatou a passagem de Jerônimo Bonaparte pela Bahia (1806) e, 34 anos depois, a do Príncipe de Joinville, na fragata "Belle-Poule", em festas para devolver à França o seu Imperador. Referiu-se ao General Hogendorp, o altivo holandês que fôra ajudante-de-campo de Bonaparte e, entre nós, mais conhecido como "o solitário do Corcovado" (60). E falou de outros fatos e pessoas.

Mas, o Embaixador Grieco deixou de apresentar uma conclusão, que por sinal fica evidente entre o título da obra e o seu conteúdo: é que, do ponto de vista histórico, a grande relação entre Bonaparte e o nosso País foi a transferência da sede real, de Lisboa para cá, — e o que disso decorreu, três lustros depois. O mais, é tentar associações meio forçadas, meio lendárias, meio líricas... ainda que curiosas e simpáticas.

Pois, se no geral isso é verdadeiro, também o é no particular: nenhuma relação houve entre Napoleão — o soldado — e o nosso Exército colonial luso-brasileiro. (61) Apesar de que um dos oficiais superiores do Grande Exército (que ofereceu os serviços ao Brasil, como Brandsen à Argentina) o foi igualmente aqui, trazendo-nos o concurso da sua espada experimentada: Labatut, o discutido e injustiçado comandante do Exército da Bahia, na consolidação da nossa Independência, e que era também amigo do Gen Hogendorp (62).

Já dissemos — e insistimos — que tem havido influência indireta de Napoleão, iniciada bem depois da sua morte, por força dos ensinamentos colhidos nas suas campanhas. Mostramos dois aspectos dessa influência: Napoleão — modelo na arte de comandar, e Napoleão — consolidador dos princípios fundamentais da guerra, — arte essa e princípios êsses que servem de alicerce filosófico ao preparo dos nossos chefes militares e à definição de uma Doutrina Militar Brasileira. (63)

O Nossa "Velho Exército"

Prosseguiremos fazendo um broquejo pela história do nosso Exército.

Após a Guerra do Paraguai, ele entrou num período de paulatino estiolamento profissional.

O Exército que apoiou e assistiu à proclamação da República era um arremedo de força armada, com pequenas unidades e serviços embrionários, reunidos em repartições não especializadas convenientemente. (64)

Seu efetivo era de menos de 15.000 soldados, com previsão de se dobrar êsse número em caso de guerra.

InSTRUÇÃO não havia, e os serviços de rotina ocupavam todo o tempo — dos que nele estivessem ocupados...

Vejos preconceitos — em grande parte justificáveis — afastavam a sociedade dos quartéis, onde a massa da soldadesca era constituída de verdadeira ralé social, e onde os oficiais se enfastiavam na ociosidade.

Os oficiais dividiam-se nitidamente em dois grupos, entre si quase hostis: os de formação regular, das escolas militares, e os oriundos da própria tropa. Curiosamente, êstes últimos eram os de origem militar (filhos de famílias tradicionais nas Armas), mais experientes do que competentes; e aquêles provinham dos meios mais modestos, impulsionados pelo estudo gráts mais do que por real vocação, fascinados pelos títulos acadêmicos, milagrosos na época; tudo a tal ponto, que um militar de alta patente escrevia na revista "A Defesa Nacional", em 1914: "Raros soldados de escol produziram as escolas militares e raríssimos exemplares dêles nos legaram; sobram-nos, entretanto, enraizados burocratas, literatos, publicistas e filósofos, engenheiros e arquitetos notáveis, poíticos sôfregos e espertíssimos, eruditos professôres de matemáticas, ciências físicas e naturais, bons amigos da santa paz universal, do desarmamento geral, inimigos da guerra, adversários dos exércitos..." (65)

A fraqueza do Exército, minado pelas idéias positivistas — "a grande inércia que tivemos de vencer" (66) — que eram o "chic" da moda, comprovou-se na Revolução Federalista e na campanha de Canudos. . .

O inicio do século viu o inicio da renovação. Tímidamente ainda, com o Mal João Nepomuceno de Medeiros Mallet (1898/1902) refundindo o ensino militar, e depois decisivamente, com o Gen Hermes da Fonseca (1906/1909), ambos na função de Ministro da Guerra. A ação de Hermes — que se caracterizou pela instituição do alistamento e do sorteio militar, pela construção de quartéis, pela melhoria da remonta e pelo empenho da tropa em exercícios e mano-

bras — continuaria mais adiante, no seu período presidencial (1910/1914), tendo sido uma fase áurea na reestruturação das forças terrestres. É dessa fase (em 1909) a ida de um grupo seletivo de jovens oficiais à Alemanha, para estagiar no exército do Kaiser. Ao regressarem, êsses oficiais (cognominados "jovens turcos") foram mandados disseminar seus conhecimentos pela tropa e pelas escolas, onde influenciaram benéficamente a massa da mocidade militar, que iria depois, por sua vez, espalhar-se pelas casernas do País e participar efetivamente do notável esforço pela elevação do gabinete do Exército.

Data daí a fundação da "A Defesa Nacional" (Revista de Assuntos Militares), que até hoje mantém alto nível cultural, notadamente profissional. (67) Ela era a tribuna escrita da geração pioneira.

Dessa geração participou a chamada "Missão Indígena", (68) que ilustrou com seus ensinamentos e seus exemplos a Escola Militar do Realengo, por volta de 1920. Citem-se alguns nomes do gabinete de renovadores: Newton Cavalcante, Eduardo Alcoforado, Demeval Peixoto, Henrique Lott, Tristão de Alencar Araripe, Olímpio Falconieri, Onofre Lima, Odílio Denys, Ilídio Rômulo Coônia, Ciro Cardoso, Mário Travassos (Infantaria), Euclides Figueiredo, Silva Rocha, Rerato Paquet, Milton de Freitas Almeida (Cavalaria), Pantaleão Pessoa, Sílio Portela, Fiúza de Castro, José Agostinho, Gustavo Cordeiro de Faria, Canrobert P. da Costa, Rocha Lima, Correia Lima (Artilharia), Mário Ari Pires, Bentes Monteiro, Luiz Procópio de Souza Pinto, Juarez Távora, Edmundo Macedo Soares (Engenharia).

A Missão Militar Francesa (M.M.F.)

Diversas tentativas foram feitas para se contratar na Alemanha uma missão de instrução; à frente dos entusiasmados, os "jovens turcos". Haja vista o editorial do número 8 da "A Defesa Nacional" (Maio, 1914), sob a responsabilidade dos redatores Bertoldo Klinger e Leitão de Carvalho, em que se desaprovava a vinda de uma missão francesa, exatamente quando "o exército francês se germaniza"!

Nesse entretanto, iam-se procedendo na França às *demandes*, a cargo do nosso adido militar, Malan d'Angrogne.

Mas a reação continuava. A "Defesa" n.º 64 (10 Jan 1919) — cujo editorial focalizava a morte de Bilac — trazia um artigo de Mário Travassos ("A Missão"), no qual era defendida a necessidade de uma missão militar, mas lastimado que não pudesse "vir até nós os nossos mestres" (os alemães...) pois "serão dez anos de doutrina, talvez ainda válida, a serem destruídos".

Vê-se que o autor exagerava a tomada de posição, já bastante enfraquecida mesmo no grupo pró-Alemanha, vencida na 1ª Grande Guerra. A prova está em que, pouco depois, editorial da mesma

revista (n.º 67, de 10 Abr 1919) dizia entre outras coisas, a propósito da missão militar em vias de contrato: "Bem-vinda seja! Povo e Exército muito têm a lucrar com as lições de estrangeiros competentes e experimentados em assuntos de guerra."

Nos números subsequentes, aqui e ali referências à M.M.F., cada vez mais compreensivas e elogiosas (69). O editorial do n.º 79 (de 10 Fev. 1920), sob o título "A Missão Militar Francesa no Brasil", revelava que a Missão se achava completa entre nós desde 30 Jan e transcrevia notícia do jornal "O Imparcial" (de 31 Jan), com entrevista do General Gamelin (70) que, após afirmar que "antes de tudo, pretendemos cuidar da organização de escolas", assim finalizava: "A instrução que ministraremos será relativa a problemas da maior relevância, aprendidos durante a guerra. Havemos de ensinar o que a prática nos revelou nos campos de batalha. Principalmente, deter-nos-emos nas lições de tática..."

A M.M.F. prestou assinalados serviços ao nosso Exército, entre 1920 e 1940 (71). Seus Chefes, cujos nomes digo em continência — Gamelin, Hutzinger, Spire, Baudoin, Durandin, Paul Noel, Chadebec de Lavalade, (72) — estiveram à altura dos encargos e souberam cercar-se de auxiliares capazes como êles próprios. Fizeram aqui amigos, além de discípulos. (73)

E já que estamos num meio eminentemente civil, prefiro citar um civil — o escritor Carlos Maul — para afirmar que a unidade de doutrina ("a doutrina clássica, com as inevitáveis adaptações ao meio brasileiro") foi a maior e mais valiosa contribuição da M.M.F. (74)

Além dos conhecimentos militares mais atualizados, os instrutores da Missão tiravam da História Militar uma gama de ensinamentos. Cursos de Estratégia, Tática Geral e História Militar eram ministrados na Escola de Estado-Maior, divulgadas em fascículos as respectivas aulas. Do mesmo modo na Escola Militar: "Conferências de História Militar." E lá se encontram, entre muitos outros títulos expressivos:

- Campanha do 1.º Império (Campanha de 1805)
- Campanha de 1806
- Campanha de 1796 na Itália, etc.

Possuímos exemplares dessas publicações, dos anos de 1924 a 26. Elas foram em quantidade! Damos destaque à série de conferências do Gen Paul Noel, para o Curso Superior de Informação da Escola de Estado-Maior (1936), sobre "O Sistema Nápoleônico". (75).

Nas suas Conclusões, muito bem encadeadas e objetivas, perguntava Noel: "Napoleão teria um sistema ou seria um empírico?" — Napoleão seguia algumas regras, apoiando-se nos seus conhecimentos da ciência militar da época, que lhe forneciam regras gerais, das quais todavia não era escravo; então, dentro de certas coordenadas, referências, traçava livremente a curva da sua própria ação, na qual colocava toda a sua capacidade humana. Resumindo: "sua ação era livre, dentro dum quadro fixo!" (P. Noel)

Até a 2ª Grande Guerra, o esforço na aprendizagem da História Militar ainda recaia nas campanhas napoleônicas, nem sempre com bastante objetividade e espírito interpretativo — muito mais sob forma descritiva, tão ao gosto da época. Ainda hoje, essas campanhas são estudadas — segundo uma metodologia cada vez mais criteriosa, imparcial e crítica — ao lado de outras operações mais modernas, da primeira e em particular da Segunda Grande Guerra.

Não resta dúvida de que as bases para tais estudos, plantou-as a Missão Militar Francesa, com a sua dedicação, o seu cuidado, a sua competência. E ao fazê-lo, a Missão ainda mais aproximou Napoleão da nossa elite militar, que se imbuiu dos conceitos, dos princípios, sobretudo dos exemplos do maior cabo de guerra de todos os tempos.

Assim, pois, a intelectualidade militar brasileira vem, de há muito, abeberando-se no manancial de ensinamentos que é Bonaparte. A nossa cultura militar é impregnada de Napoleão: o homem, o chefe militar, o estadista, o gênio.

Sua figura invade todos os setores: são as obras biográficas e de filosofia militar, críticas e doutrinárias; são as pinturas, as gravuras e as reproduções de quadros célebres (Vigneux, Prud'hon, Ducis, Vernet, Gros, Philippoteaux, David, Gérard, Lefèvre, Ingres), de esculturas e bronzes (Gabriel e Carlos Seurre, Houdon, Rochet). E não sómente sobre a sua pessoa, mas sobre motivos da vida no Grande Exército, das glórias francesas, do fausto imperial, enfim — da epopéia napoleônica. (76)

Nossos oficiais, conhecendo os feitos, estudando-os, aproveitando-lhes o que têm de útil para nós, estabelecem contato com a personalidade de Napoleão — e eis uma influência efetiva e vivida, que se auto-alimenta no próprio espírito militar, na própria permanência da vocação para a carreira das Armas.

V

NAPOLEÃO, SEMPRE!

Aceita como verdadeira a influência napoleônica — de princípios e de exemplos — caberia agora uma questão: na guerra atual, e na do futuro, uns e outros ainda nos serviriam?

Primeiramente — e sem nos aventurarmos no sentido de uma classificação, sempre discutível — deveremos atentar para que são hoje admitidas algumas formas de guerra: (77)

- Guerra fria
- Guerra limitada
- Guerra geral,

que podem ser travadas de modo regular ou irregular, e que compreendem, por sua vez, alguns tipos de guerra:

- Guerra convencional
- Guerra nuclear
- Guerra revolucionária
- Guerra insurrecional, e outras,

nem sempre fáceis de definir, nem de identificar, quando diante dos casos reais. Esses termos visam, de fato, é à maior facilidade de entendimento, havendo um tanto de academicismo nos esforços de certos autores, por fixar distinções rígidas entre êles.

Não vamos aprofundar as conceituações respectivas. No entanto, podemos dizer, à vista do comportamento dos beligerantes nas várias guerras que, em nossos dias, desenrolam-se diante de nós: se convenientemente adaptados, os princípios imutáveis ainda são, no fundo, aquêles que Napoleão enfatizou.

Entre as guerras que temos acompanhado, assumem proporções alarmantes as que resultam da pressão militar — ideológica do bloco comunista. Pois bem: é fácil percebermos nelas — por exemplo — o princípio do objetivo, o da ofensiva, o da segurança, o da surpresa. Até para os leigos, isso é fácil: basta ler os jornais...

Mesmo nas lutas de guerrilhas, hoje em dia tão comuns, os clássicos princípios são aplicáveis (aqueles quatro, mais massa e economia de meios), ao lado, naturalmente, de certas regras peculiares (ou princípios também, se quisermos chamá-las assim). (78) O mesmo se passaria nos conflitos nucleares. (79)

Sendo assim, o estudo da atuação napoleônica continua atual e responde à sede de conhecimentos da arte da guerra.

E quanto aos seus ensinamentos?

Não exageramos, afirmando que toda obra, trabalho, estudo realizado para enfoque de matéria militar, de natureza histórica ou doutrinária, há de conter referências a Napoleão Bonaparte. Eis um exemplo, ao acaso: um Estudo de Estado-Maior, preparado em 1967 na 3ª Seção (Operações e Instrução) do Estado-Maior do Exército, dizia nas "considerações iniciais": "A máxima de Napoleão — 'conhece-se um exército pelo valor dos seus quadros' — constitui"...

Trata-se de mera citação de uma máxima (e sabemos (80) que Napoleão não reconheceu as que lhe eram atribuídas), mas bem

revele o grau de penetração das idéias napoleônicas, ou tidas como tais, no nosso meio militar, como elemento de utilização comum e freqüente.

Aí está: Napoleão sempre presente, como o mestre criador e afortunado, cuja vida foi, no dizer de Spengler, "um intenso lutar, com reflexos não apenas sobre êle e a França, mas sobre o Futuro". (81)

O saudoso e culto Cel J. B. Magalhães, que tanto enobreceu êste Instituto, criticava acerbamente Napoleão, por uma porção de motivos... Sente-se, ao ler-lhe as obras, que o Imperador não lhe era simpático. Pois assim mesmo, não pôde deixar de reconhecer que "êle se fêz modelo de chefe na conduta dos exércitos em campanha, na guerra moderna, e durará em situação de mestre indefinidamente, mostrando como se devem utilizar os recursos novos de luta que as transformações sociais e o progresso da indústria apresentam em cada época". (82)

VI

CONCLUSÃO

Vamos chegando ao término da palestra.

Para sabermos qual foi — ou qual é — a influência de Napoleão Bonaparte no Exército Brasileiro, achamos necessário incursiar por assuntos paralelos. E assim, abordamos:

— a ascensão militar de Napoleão
(e mostramos que ela teve certa coerência com sua formação militar regular)

— os princípios básicos de Chefia militar
(e oferecemos modelos napoleônicos)

— os princípios de guerra, permanentes até agora, válidos ainda e em futuro previsível

(e comparamos os princípios aplicados por Bonaparte com aquêles consagrados, confirmados pelos séculos de guerras, pelas experiências dos Capitães)

— os reflexos, na nossa cultura militar, de tudo o que é Napoleão, o que fala de Napoleão, o que ensina Napoleão

(e assinalamos os estudos especializados dos quadros militares brasileiros, motivados por surtos de incremento profissional no desportar deste século).

Esperamos haver dado uma noção sobre o tema proposto.

Que os civis presentes — também soldados do Brasil, em suas profissões! — perdoem se às vezes nos excedemos em considerações técnicas demais; lembrem-se, porém, de que "o impacto de aperfeiçoamentos tecnológicos, durante os últimos cinqüenta anos, teve por consequência dar à profissão militar um caráter "civil" e obscurecer a distinção entre civis e militares" ... (83)

E que os colegas militares — civis que vestem farda! — desculpem possíveis omissões e muitas generalizações, que foi preciso fazer, para a uns e outros transmitir a mensagem final:

— Que a influência napoleônica no Exército Brasileiro foi sempre indireta.

— Que ela — cabedal e inspiração! — tem decorrido, principalmente:

— do estudo das campanhas napoleônicas, pelos nossos militares — de forma crítica, sistemática;

— do aproveitamento da inesgotável reserva, que são os exemplos de Napoleão, o homem de guerra;

— das raízes doutrinárias, nutritas na seiva fecunda das atuações de Bonaparte, o fixador de princípios.

— Que as atividades beneméritas da Missão Militar Francesa, aumentando os saberes acerca do grande general, ampliaram a sua influência, justo no terreno mais pródigo: o da criação intelectual, no sentido da realização profissional militar.

— Que essa influência continuará a se fazer sentir, por muito tempo ainda; acompanhará a evolução das técnicas de guerra e a elas se adaptará perfeitamente, em atualização com um tanto de espontaneidade e muito de arte — digna do varão que (no dizer de Goethe) (84) "fica ainda maior à medida que se torna mais verdadeiramente conhecido".

NOTAS

- (1) "O gênio de Napoleão Bonaparte enchia o mundo". Coelho Neto e Olavo Bilac — NAPOLEÃO — in "A Pátria Brasileira", Liv. Fcº Alves, 1940 (27.ª ed.).
- (2) "Aproximei-me dos maiores soberanos da Europa e nenhuma delas produziu em mim um efeito que se possa comparar ao que experimentava ao ser conduzido diante dessa criatura colossal". Barão Thiébault ("Mémoires"), citado por Dmitry Merejkovsky, in NAPOLEÃO — trad. de Agripino Grieco — Cia. Ed Nacional, S. Paulo, 1934. (O Gen Thiébault foi o Chefe do EM de Junot na invasão de Portugal).
— "Vi homens dignos de respeito e também homens ferozes. Na impressão que Bonaparte me causou, nada havia que pudesse lembrar-me uns ou

outros... Era menos ou mais do que um homem... Ao vê-lo, quase sempre em vez de tranquilizar-me intimidava-me ele mais e mais... Todas as vezes que o ouvia falar, impressionava-me com sua superioridade..." (Mme de Staël, citação de Emil Ludwig — NAPOLEAO — 6.^a ed., Liv. do Globo, Pôrto Alegre, 1942).

- (3) Merejkovsky — op. cit.
 - (4) O Gen Dugommier, comandante em Toulon, dizia de Bonaparte: "Se não lhe forem reconhecidos, este oficial subirá por si mesmo." (citado por Emile Wanty — NAPOLEAO ESTRATEGISTA — in "O DOSSIER NAPOLEAO — Liv. Bertrand, Lisboa, 1962).
 - (5) Octave Aubry — NAPOLEAO — ed. Flammarion, grav. et imp. Desfossés néogravure — Paris, 1936.
 - (6) "Ele sabia que lhe era necessário, como ao sol, levantar-se no Oriente." Merejkovsky, op. cit.
 - (7) "Foi êste, é preciso dizer-se, o apogeu do seu poderio, o ponto culminante dos seus altos destinos, a época mais brilhante de uma carreira até então sem nuvens." Citação de Désiré Lacroix, "neto dum oficial do Grande Exército", in HISTÓRIA DE NAPOLEAO — Liv. Garnier, 1913, Rio.
 - (8) "No Berezina, só restava a sombra de um exército, mas era a sombra do Grande Exército!..."
- Conde de Ségur ("Histoire et Mémoires") — citação de Merejkovsky, op. cit.
- (9) Napoleão "nunca pensou que, de tanto derrotar os seus inimigos, eles acabariam por conhecer seus métodos e, embora não podendo adotá-los por falta de gênio, um dia conjugariam suas forças, em vez de as apresentar dispersas..." (E. Wanty, op. cit.).
 - (10) Victor Hugo — LESMISERABLES — XII partie: "Cosette" — huitième édition, Paris, 1862 — vol. 3 — Pagnerre, Lib. Ed.
 - (11) Domingos José Gonçalves de Magalhães — "Napoleão em Waterloo" — poema XXXIX dos "Suspiros Poéticos" — in GRANDES POETAS ROMANTICOS DO BRASIL — ed. LEP, S. Paulo, 1949.
 - (12) Victor Hugo — op. cit.
 - (13) Santa Helena... Exílio de um "deus caído do trono dos mais deuses..." (Castro Alves — "Oitavas a Napoleão")
 - (14) "A Guerra nos parecia a tal ponto o estado natural do nosso país Cada ano trazia a esperança de uma guerra..." — Alfred de Vigny — SERVIDAO E GRANDEZA MILITARES — trad. de P. Rónai e Aurélio Buarque de Holanda — Bib Ex, 1960.
 - (15) A. Vigny — op. cit.
 - (16) Napoleão consideraria Brienne como sua pátria intelectual. (Lacroix — op. cit.). Em Brienne, "o jovem corsos, selvagem e nacionalista, refugia-se na leitura dos clássicos, dos filósofos, dos historiadores e de tudo quanto havia em matéria militar." (E. Wanty — op. cit.)
 - (17) Cel J. B. Magalhães — CIVILIZAÇÃO, GUERRA E CHEFES MILITARES — Bib Ex, 1958.
 - (18) A vocação artilheira de Napoleão manifestou-se cedo e revelava-se freqüentemente. Enquanto na Escola de Auxonne, escrevia estudos sobre Artilharia — afirma o Gen Mangin, na conferência NAPOLEAO, HOMEM DE GUERRA (Imp. Militar, Rio 1922), pronunciada em Buenos Aires e trad. pelo Gen Rondon — e de tal modo era conhecedor da Arma que o Cmt du Teil confiou-lhe várias missões, como o "estudo do lançamento de bombas por meio de canhão" (Lacroix, op. cit.). Diz ainda o Gen Mangin: "Napoleão continua

a ser o maior dos artilheiros!" — Ele, que em Erfurt (1808) afirmava: "quando eu tinha a honra de ser simples 2.º Tenente de Artilharia, li e reli a biblioteca de um meu vizinho, livreiro muito obsequioso, e nada esqueci..." O Cap VII — "Napoleon" — da obra THE STORY OF WEAPONS AND TACTICS (From Troy to Stalingrad) — Cambridge, 1943 — de Tom Wintringham, começa assim:

"Napoleon was a gunner who became emperor..."

- (19) Lacroix op. cit.
- (20) General Mangin — op. cit.
- (21) O grande Moltke achava que "sómente o sucesso decide da reputação de um general. A parte que cabe exatamente ao mérito é bem difícil de determinar. Contra o irresistível poder dos acontecimentos, vem quebrar-se o talento do melhor general; essas circunstâncias também podem fazer um homem mediocre acertar. Encaminhar o sucesso com continuidade — eis o único critério do talento". Cap Dervieu — "Moltke", in A CONCEPÇÃO DA VITÓRIA ENTRE OS GRANDES GENERAIS — trad. do Cap. F. Mindello — Ed. Henrique Velho, Rio, 1942.
- (22) Citação pelo Cel Leopoldo R. Ornstein — in EL ESTUDIO DE LA HISTÓRIA MILITAR (Bases para una metodología) — vol. 461 da Biblioteca del Oficial, do Círculo Militar Argentino (Buenos Aires, 1967).
- (23) Cel Ornstein — op. cit.
- (24) Gen Mangin — op. cit.
- (25) Cap B. H. Liddell Hart — AS GRANDES GUERRAS DA HISTÓRIA (STRATEGY) — trad. de A. Arruda e revisão e notas do Cel Reynaldo Melo de Almeida — IBRASA, S. Paulo, 1963.
- (26) Gen Mangin — op. cit.
- (27) General Zurlinden — NAPOLEON ET SES MARÉCHAUX (1.º vol — Napoleón) — Lib. Hachette, Paris, 1910.
- (28) C 22-10 — Manual Básico de Campanha — PRINCIPIOS DE CHEFIA — 1954. Além dos princípios citados, há os seguintes:
 - Conhecer-se a si próprio e procurar aperfeiçoar-se
 - Manter seus homens informados
 - Treinar seus homens como uma equipe
 - Ter amor à responsabilidade — Desenvolver esse sentimento entre os subordinados.
- (29) Ten Cel L. Rousset — OS MESTRES DA GUERRA — Trad. de Tasso Fragoso — Biblioteca Militar, 1938.
- (30) Donatelo Grieco — A VIDA DE NAPOLEAO (CONTADA PELOS LIVROS) — Ed. A Noite Rio, 1938.
- (31) Merejkovsky — op. cit.
- (32) General Mangin — citação das "correspondências" (op. cit.)
- (33) Lacroix — op. cit.
- (34) Maj Gen J. F. C. Fuller — A CONDUTA DA GUERRA (de 1789 aos nossos dias) — trad. do Cel Hermann Bergqvist — Bib Ex, 1966.
- (35) No ativo dêste temperamento fora de série, há que inscrever ainda a audácia moral, a que se refere Metternich: "Ele atrevia-se a tudo e assim alcançava enorme avanço, que o aproximava do triunfo". Essa audácia,

- procedia, resultava do raciocínio, e conservou-se por muito tempo clarividente, fundada nas probabilidades de êxito. Bonaparte — e depois Napoleão — utilizava o que hoje se chamam riscos calculados. (E. Wanty op. cit.).
- (35) O estado-maior não participava, de maneira alguma, do trabalho intelectual do Imperador. Devia ater-se estritamente às suas ordens, pois só élle (Napoleão) sabia o que se devia fazer; e Berthier "encarava êsse ofuscamento da sua personalidade como perfeitamente natural". "A verdade é que foi sua atividade (de Napoleão), não sua apatia, a causa tanto de sua ascensão como de sua queda... pois quando houve necessidade de oficiais de estatod-maior competentes, êsses não existiam". (J. F. C. Fuller, op. cit.).
- (37) É verdade que na fase descensional da sua carreira cometeu muitas falhas, nas suas decisões. Já na campanha da Rússia, "parecia haver perdido aquela acuidade e aquela habilidade de antes" — diz J. B. Magalhães (op. cit.), que o atribui a duas causas: vertigem das alturas, e fadiga...
- (38) "O espírito ofensivo, que tem sido reconhecido através de tôdas as idades da História Militar como um axioma — mais do que um princípio discutível (...) — nutre-se da força psíquica Por tais razões, os grandes chefes têm tido sempre o cuidado de exaltar por todos os meios a coragem de suas tropas, mediante uma propaganda adequada e orientada no sentido de estimular o sentimento combativo, podendo-se citar como modelos as alocuções de Napoleão e seus comandados, antes das batalhas decisivas." SOCIOLOGIA DA GUERRA, pelo professor uruguai Orestes Araujo, em trad. do Cel Moacir R. Coelho, Bib Ex, 1959.
- (39) Lacroix — op. cit.
- (40) Lacroix — op. cit.
- (41) J. F. C. Fuller — op. cit.
- (42) "A Legião de Honra foi uma imensa e poderosa alavanca para a virtude, o talento, a coragem;..." — escrevia Napoleão a seu filho, ditando a Montolom, em 17 Abr 1821 (D. Grieco — A VIDA DE NAPOLEÃO).
- (43) "Napoleão — MÁXIMAS E PENSAMENTOS" — seleção e prefácio de H. de Balzac — trad. de José Dauster — ed. Vecchi, Rio 1946. (ver nota 79).
- (44) Lacroix — op. cit.
- (45) Entretanto... "lançando mão dos recursos dos países ocupados e criando corpos estrangeiros (alemães, hessianos, suíços, italianos, belgas, polacos, espanhóis; tira todo o caráter nacional aos seus Exércitos; fá-los percorrer a Europa e não cessa de aumentar êste Exército Internacional, europeu se quiserem, misturado, sem coesão sem ideal sólido, onde se multiplicam as causas de fraqueza e de desagregação". (E. Wanty, op. cit.).
- (46) Embora tenha lido muito sobre a guerra, Napoleão a bem dizer não redigiu nenhuma obra, nem sequer uma sintética. Não obstante, teve a intenção de fazê-lo. Segundo Gouvin Saint Cyr, teria dito que as dificuldades da arte da guerra estavam longe de ser conhecidas e que, se algum dia tivesse tempo, demonstraria num livro os seus princípios (de guerra) de modo tão preciso que estariam à mão de todos os militares, que poderiam aprender a guerra como se aprende uma ciência qualquer. (Gen Paul Noel — LE SYSTÈME NAPOLEONIEN (Nos Conclusions) — E. E. M., 1936).
- (47) "Negar la existencia de los principios — decía Napoléon — es como negar la existencia del sol; ello constituye una prueba de que no se ha comprendido en absoluto la guerra. Pero, los principios por si solos no son nada. En la guerra el hombre es todo". (N.) Cel Ornstein — op. cit.
- (48) Manual de Campanha — C-100-5 — OPERAÇÕES.
— Quando na Chefia do Estado-Maior do Exército — ao qual imprimiu o cunho da sua personalidade e ofereceu a sua invulgar cultura geral e pro-

fissional — o então General-de-Exército HUMBERTO CASTELLO BRANCO fixou os princípios de guerra que serviriam aos trabalhos nesse alto órgão; entre os citados (além do sentido de "massa" ampliado, sob o título "cooperação"), introduziu mais um: "disciplina intelectual", que poderia ser considerado integrante da "unidade de comando", e que é típico da mentalidade ordenada e disciplinada daquele que seria, pouco depois, o grande Presidente do Brasil.

- (49) "Il ne faut qu'une armée, car l'unité de commandement est de première nécessité à la guerre. Il faut l'armée réunie, concentrer le plus de forces possible sur le champ de bataille, profiter de toutes les occasions; car la fortune est femme: si vous la manquez aujourd'hui, ne vous attendez pas à la retrouver demain". (de Napoleão em Santa Helena; citado em NAPOLEON — VUES POLITIQUES — La Doctrine Impériale — Americ Edit. — ed. da Imp. Nacional, Rio, 1939).
- (50) "Na guerra só dá resultado o que é simples. A arte da guerra é simples e tóda de execução." (N.) Maj Jayme Ribeiro da Graça — A GUERRA ATRAVÉS DOS SÉCULOS — Bib Militar, 1948.
- (51) "Na guerra, nada é absoluto." (N.)
Cel (USA) Conrad H. Lanza — NAPOLEAO E A GUERRA MODERNA — trad. do Cel Paulo Enéas F. da Silva — Bib Ex, 1955.
- (52) O nº de Fev 61 da Military Review traz artigo do Maj inglês Wright, que divulga interessante quadro: dum lado, os conceituadores — Clausewitz, Foch, Liddell Hart, Montgomery, Reino Unido, Canadá, URSS, USA, etc; doutro, os princípios — (além dos já referidos) administração, perseguição, aproveitamento do êxito, armamento, estabilidade da retaguarda, mobilidade e movimento, moral, poder aéreo, opinião pública, qualidade e quantidade das Divisões, competência dos comandos, nunca reforçar um insucesso, não investir se o inimigo puder aparar o golpe.
- (53) Os princípios de guerra já haviam sido enunciados no século VI a. C., na velha China. Napoleão "conhece-os, moderniza-os, aplica-os a exércitos cada vez mais importantes, mas é nossa opinião (E. Wanty, op. cit.) que ele tem, sobretudo, a arte de os violar com conhecimento de causa"...
- (54) "Se Napoleão não criou a estratégia moderna, podemos afirmar que soube fixar seus princípios, pela suas ações e pelos seus exemplos. Seus preceitos são a fonte pura na qual virão se abeberar o discípulos das gerações vindouras." Cap Dervieu — A CONCEPÇÃO DA VITÓRIA ENTRE OS GRANDES GENERAIS. trad. do Cap. Frederico Mindello.
- (55) "Na iminência da batalha, o comandante deve reunir suas forças, sem desprezar nenhuma. Um simples batalhão pode decidir da peleja." (N.) Cel Lanza, op. cit.
- (56) Ler A MANOBRA NA GUERRA, pelo Cel Amerino Raposo Filho, Bib Ex, 1960 (fls 100/104). Ainda assim, assinala Liddell Hart (op. cit.) que era tendência de Napoleão confiar mais na massa e no dispositivo estratégico do que na mobilidade e na surpresa.
- (57) "As palmas da vitória, colhem-nas os exércitos que manobram" (N.) — L. Roussel, op. cit.
- (58) "É possível que no futuro eu perca uma batalha, mas jamais perderei um minuto." (N.) Liddell Hart, op. cit.
- (59) D. Grieco — NAPOLEAO E O BRASIL — Civ. Brasileira, Rio, 1939.
- (60) Gustavo Barroso, em SEGREDOS E REVELAÇÕES DA HISTÓRIA DO BRASIL (ed. O Cruzeiro, Rio, 1958), ressalta com muita sutileza que, graças a Hogendorp, o nome do Brasil figurou entre as últimas vontades do Imperador dos Franceses, eis que este legara em testamento, ao nobre soldado

"refugiado no Brasil", 100.000 francos. De fato, é o que se lê no segundo codicilo (datado de 24 Abr 1821) ao testamento de 15 Abr, resultante da liquidação dos bens na Itália (Alexandre Dumas — NAPOLEÃO — trad. de Olimpio Monteiro — Liv. Moura, Rio, 1961).

O austero Conde — General de Napoleão, Ministro da Guerra em Haia, embaixador na Rússia, governador de Java, de Koenigsberg, de Breslau e de Hamburgo, que heróicamente defendeu, amigo de D. Pedro I e entusiasta da nossa Independência — mereceu também a atenção de Pedro Calmon (FIGURAS DE AZULEJO — ed. A Noite, Rio, 1939) e de outros historiadores e contemporâneos.

- (61) Uma consequência da guerra que Portugal declarou à França, erguendo a voz do seio do novo império que estava criando, foi a invasão da Guiana Francesa, pela expedição do Ten Cel Manoel Marques d'Elvas Portugal. Caiena estêve ocupada de 1809 a 1817, quando novo convênio franco-luso restabeleceu a linha divisória pelo rio Oiapoque (conforme o Tratado de Utrecht, de 1713) e não pelo Araguari (fixado arbitrariamente, em 1801, pelo Tratado de Badajoz).
- (62) Afonso Ruy — DOSSIER DO MAL. PEDRO LABATUT — Bib Ex, 1960.
- (63) Cel Von Trompowsky — PRINCÍPIOS DE GUERRA (Para que servem, afinal? — Revista Militar Brasileira, Abr/Jun 66.
- (64) Gen F. Paula Cidade — O EXÉRCITO EM 1889 — in "A República Brasileira" — Bib Mil. Rio, 1920.
- (65) Gen Tito Escobar — RECRUTAMENTO DE OFICIAIS — "A Defesa Nacional". 10 Out 1914.
- (66) Lima Figueiredo — CASERNAS E ESCOLAS — Bib Mil., Rio, 1945.
- (67) "A Defesa Nacional" foi fundada em 1913, "para exercer o direito que todos temos, de julgar das coisas que nos afetam, segundo nosso modo de ver, e de darmos nossa opinião a respeito." Seus idealizadores foram Bertoldo Klinger e Estêvão Leitão de Carvalho, que a fundaram junto com Paula Cidade, Souza Reis, Mario Clementino, Mrasilio Taborda, Parga Rodrigues, E. de Lima e Silva, Jorge Pinheiro, José Pompeu Cavalcante de Albuquerque, Euclides Figueiredo e Amaro Vila Nova. O 1.º número era sem capa, a exemplo da revista militar alemã Militar Wochenblatt... Sobre sua atuação em prol do Exército, até hoje notável, ler o n.º especial do cinquentenário (1963), as "Notas sobre o Exército Brasileiro" (de Carlos Maul, in O EXÉRCITO E A NACIONALIDADE — Bib Ex, 1950), etc.
- (68) Ler a respeito A MISSÃO INDÍGENA NA ESCOLA DO REAL ENGO — Gen Ex Tristão A. Araripe, in Revista do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil.
- (69) O Grupo Mantenedor da "A Defesa Nacional" compunha-se, então, de Klinger, Pantaleão Pessoa e Euclides Figueiredo (redatores) e de Leitão de Carvalho, Daltro Filho, Parga Rodrigues, Newton Cavalcante, Francisco José Pinto e outros.
- (70) O Gen Maurice Gamelin, organizador e primeiro Chefe da M.M.F., foi o "homem de tato, capaz de evitar malindres nacionalistas e de não suscetibilizar distintos oficiais formados na Alemanha", como pedira o Ten Cel Malan ao Gen Joffre — é o que nos informa Octávio Costa, em gostosa crônica no Jornal do Brasil de 9 Jul 69 ("E vovô genovês não viu o fim").
- (71) Algumas notícias sobre a M.M.F., desde as gestões iniciais, dá-nos T.A. Araripe, em TASSO FRAGOSO (Um pouco de História do nosso Exército) — Bib Ex, 1960.
- (72) O General de Lavalade ligou-se culturalmente ao Brasil, além dos limites profissionais da Missão. Ele traduziu do Português as "Memórias Póstumas

de Braz Cubas", que foram publicadas em francês, com prefácio de Afrânio Peixoto, o qual escreveu: "La traduction des Mémoires d'Outre-Tombe de Braz Cubas, par le Général de Lavalade, représente, pour notre Machado de Assis, un hommage d'un rare valeur, un de ceux auxquels il eût été les plus sensibles..."

"... il convient d'ajouter que le Général fut choisi pour diriger une mission de caractère à la fois culturel et technique, scientifique et diplomatique: la mission militaire française d'instruction de l'armée brésilienne."

- (73) Ao encerrar-se o ano de instrução de 1934, na Escola de Estado-Maior (sob o comando do Cel Estêvão Leitão de Carvalho), fiz-se a despedida do Gen Baudoin e do Cel Corbé; depois de saudados pelo Cap H. Castello Branco, pediu Baudoin — "que, quando olharem nossos retratos, digam: eles estão na França pensando no Brasil". ("A Defesa Nacional", n.º 248, Jan 1935) (74) C.
- (74) C. Maul — op. cit.
- (75) "Le Système Napoleonien":

- 1.ère Conférence — Introduction
- 2.e " — Manoeuvres de Marengo et d'Ulm
- 3.e " — Manoeuvre d'Iéna
- 4.e " — Campagne de 1815: mobilisation et concentration
- 5.e " — Nos conclusions.

- (76) Damos destaque ao álbum "BONAPARTE", com texto de G. Montorgueil e aquarelas de Job, da Collection d'Albums Historiques — Paris (Boivin Cia) e New York (J. Terquem Co.), 1910.
- (77) Conceito político-estratégico dos EUA, citado pelo Cel Sebastião José Ramos de Castro — CLASSIFICAÇÃO E CONCEITUAÇÃO DAS GUERRAS, in "A Defesa Nacional".
- (78) Capitão do Exército Espanhol Antonio Mir Salas — REFLEXÕES SOBRE A GUERRILHA, in "A Defesa Nacional", Jan/Fev 66, trad. e notas pelo Ten Cel Jonas Correia Neto.
- (79) Ler a respeito OS PRINCÍPIOS DE GUERRA NA IDADE NUCLEAR, pelo Ten Cel A. B. Lathrop, in Military Review, Jun 59.
- (80) O testamento de Napoleão (15 Abr 1821) contém a cláusula 8, que começa com estas palavras: "Renego o Manuscrito de Santa Helena e tantas outras obras com títulos de máximas, sentenças, etc que aparecem há seis anos; essas não são as regras que presidiram a minha vida. "A MORTE DE NAPOLEÃO, segundo as memórias de Las Casas, O'Meara e Antomarchi — trad. de Rodrigues Gomes, Casa Editorial Hispano-Americana, Paris, 19...
- (81) Citado por J. F. C. Fuller — op. cit.
- (82) J. B. Magalhães — CIVILIZAÇÃO, (op. cit.)
- (83) Morris Janowitz — O SOLDADO PROFISSIONAL (Estudo social e político) — trad. de D. M. Garschagen — ed. GRD, Rio, 1967.
- (84) Citado por Albert Sorel — L'EUROPE ET LA RÉVOLUTION FRANÇAISE — 8.ª parte, 9.ª ed., Lib. Plon, Paris, 1912.

PROJEÇÕES UTILIZADAS NA PALESTRA

- 1 — Sumário
- 2 — Vida de Napoleão — Curso do Sol
- 3 — Carreira Militar
- 4 — A — Estudo da História Militar
 B — Napoleão aos seus Generais
- 5 — A — Experiência Prévia da Guerra
 B — Educação do Espírito
- 6 — Princípios de Chefia Militar
- 7 — Princípios de Guerra: o "Farol" (simbólico)
- 8 — Princípios de Guerra:
 - A — Lista do Brasil
 - B — De Napoleão
- 9 — A — O Velho Exército, os "Jovens Turcos", "A Defesa Nacional", a "Missão Indígena"
 B — Missão Militar Francesa — seus Chefes
- 10 — Le Système Napoleonien
- 11 — Guerra (formas, tipos)
- 12 — O que foi abordado
 B — Conclusão